

Práticas de escrita: diálogos entre ciências da linguagem e ensino/aprendizagem de língua

Marina Célia Mendonça

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),

Araraquara, São Paulo, Brasil

marinamendonca@fclar.unesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5712-2346>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i3.2048>

Resumo

Este artigo apresenta, inicialmente, o conceito de gêneros do discurso na obra de autores do Círculo de Bakhtin, em relação às noções de diálogo, esfera de atividade e sujeito, destacando seu caráter de heterogeneidade. A seguir, discute a atualização desse conceito na escola, especialmente em práticas de escrita, e defende a necessidade de se buscar a presença do sujeito no texto quando da abordagem dos gêneros do discurso na produção de textos na escola.

Palavras-chave: estudos bakhtinianos do discurso; gêneros do discurso; sujeito; práticas de escrita na escola.

Writing practices: dialogues between language sciences and language teaching and learning

Abstract:

This article presents, initially, the concept of discourse genres in the work of authors of the Bakhtin Circle, in relation to the notions of dialogue, sphere of activity and subject, highlighting its heterogeneity. Next, it discusses the updating of this concept in the school, especially in writing practices, and defends the need to seek the presence of the subject in the text when approaching discourse genres in the production of texts in school.

Keywords: Bakhtinian discourse studies; discourse genres; subject; writing practices at school.

Introdução

Este artigo apresenta parte da discussão realizada em minicurso ministrado por mim no 65º seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguístico do Estado de São Paulo), intitulado “Práticas de escrita: diálogos entre ciências da linguagem e ensino/aprendizagem de língua”. Considerando a extensão deste espaço, optei por realizar um recorte temático no minicurso realizado, que colocou em foco os conceitos de “gêneros do discurso” e “autoria” e sua ressignificação na esfera didático-pedagógica. O recorte aqui prioriza as discussões sobre os gêneros do discurso e sua relação com a questão da subjetividade.

O diálogo entre as ciências da linguagem e as relações de ensino/aprendizagem de línguas constitui uma farta bibliografia no Brasil. O interesse em tomar por tema esse diálogo considerando a produção textual tem sua justificativa quando se observa, nas práticas didático-pedagógicas que se realizam na sociedade brasileira contemporânea e que se explicitam tanto em discursos presentes em documentos oficiais e em materiais didáticos quanto em material que circula na mídia, um movimento na compreensão da noção de gêneros do discurso e de modos de presença da subjetividade na produção

textual. É nesse contexto que se insere este artigo, em exercício de compreensão responsiva desses discursos.

A reflexão avança a partir de propostas desenvolvidas no país, ao longo das últimas décadas, de que atividades de ensino/aprendizagem de produção textual tomem por centralidade o texto em sua relação com os sujeitos. Em particular, destaco quatro grupos de discussões/propostas dessa vasta bibliografia produzida sobre o tema, em tentativa de organização dos trabalhos desenvolvidos nas Ciências da Linguagem. Maiores detalhes sobre essas propostas e abordagens encontram-se em Mendonça (2016, 2015, 2013).

O primeiro grupo de propostas é aquele que considera, na atividade de escrita na escola, o texto como espaço de interação entre “eu e outro”: espaço em que se age sobre o outro no processo de argumentação/persuasão, para além dos clichês e discursos do senso-comum (PÉCORA, 1983, 1977; VAL, 1994); em que se produz um diálogo complexo com diferentes interlocutores imaginários, sendo a escola um deles (DE LEMOS, 1988, 1977; BRITTO, 1984); em que coloca em ação um projeto de dizer em contextos precisos de produção do discurso (GERALDI, 2010, 1991, 1984).

O segundo grupo que relaciona a prática de escrita às questões de subjetividade é o que propõe que se tomem o projeto textual, a revisão (durante a escrita e depois dela) e a reescrita como espaços para o sujeito construir um projeto de dizer para o “outro”, espaços em que seus movimentos são perceptíveis em “rastros/pistas” deixados em rasuras, correções, substituições, deslocamentos, supressões, ou seja, na organização e reorganização do que é escrito (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991; ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1997).

Outro grupo que coloca em evidência a relação do sujeito com a sua produção textual pode ser representado pelas discussões sobre a questão da “autoria” na produção escrita escolar, seja entendendo o autor como uma função do discurso, dessa forma colocado ao lado de outras funções como a de locutor e de enunciador tal como tidos por Ducrot (ORLANDI, 1988), seja buscando, no fio do discurso, os movimentos do sujeito na organização do seu discurso em relação ao discurso do “outro/Outro”, ou seja, buscando os “indícios de autoria” (POSSENTI, 2002).

O quarto grupo é que o me interessa diretamente neste texto. Trata-se da proposta de colocar em foco os gêneros do discurso nas atividades de ensino/aprendizagem, em especial nas atividades de produção textual (GERALDI, 2010, 1991, 1984; BRAIT, 2000), inclusive a de se tomarem esses gêneros como objetos de ensino (BRASIL, 1998, 1997).

A discussão deste artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, apresento uma reflexão sobre a noção de gêneros do discurso em escritos do Círculo de Bakhtin e comento trabalhos sobre práticas de escrita na mídia, considerando a possibilidade de colocar em destaque a questão da subjetividade na abordagem dos gêneros do discurso; em um segundo momento, comento a posição que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem sobre os gêneros do discurso segundo o Círculo de Bakhtin e apresento trabalhos que discutem essa abordagem. O objetivo principal é ampliar a discussão sobre as práticas de escrita na escola tendo por foco a relação entre os gêneros do discurso e a subjetividade.

Os gêneros do discurso e o Círculo de Bakhtin

Escritos de autores do Círculo de Bakhtin estão no centro das reflexões que faço neste artigo. A concepção de linguagem que se encontra em vários textos desses autores, separados entre si, por vezes, por décadas, é bastante coerente, a despeito de algumas diferenças. Brandist (2002), por exemplo, destaca que Volochínov e Medviédev possuem não somente estilo diferente de Bakhtin, mas também maior envolvimento com o marxismo, o que vai se mostrar na abordagem sociológica da linguagem e da literatura que aqueles propõem. Por outro lado, Bakhtin apresenta em suas obras maior influência das ideias neokantistas, a exemplo das de E. Cassirer – Marchezan (2016) chama atenção, nesse aspecto, para as influências de Simmel na obra de Bakhtin. Apesar das diferenças apontadas, nosso interesse neste artigo é aproximar o pensamento dos autores em questão em torno da concepção de diálogo, de sujeito, de enunciado e de gêneros do discurso. É dessas concepções que trataremos aqui sucintamente para discutirmos, na sequência deste texto, a sua atualização em contexto didático-pedagógico.

Bakhtin (2000, p. 279), no início do ensaio “Os gêneros do discurso”, afirma o seguinte sobre a natureza do enunciado:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Observe-se que o autor chama atenção para a natureza singular e concreta do enunciado, que traz consigo as “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [de atividade humana]”. Assim, os enunciados são concebidos como singulares (únicos), mas ao mesmo tempo sociais, porque “emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” e “são marcados pela especificidade” dessa esfera. Nessa passagem, explicita-se a concepção de enunciado do círculo como um todo indissolúvel entre a singularidade e a historicidade, entre o movimento/variabilidade e a estabilidade.

Volochínov (2013), em “A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica”, destaca essa indissociabilidade entre palavra e situação extralinguística, entre a palavra e sua utilização, entre o caráter social e o caráter singular do enunciado. Chamo atenção para como o autor entende essa relação:

A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido. [...]

[...] a situação forma parte da enunciação como a parte integral necessária de sua composição semântica. [...]

As emoções *individuais*, por sua vez, somente podem acompanhar o *tom principal da valoração social* em sua qualidade de *matiz*: um “eu” somente pode realizar-se na palavra se se apoia nos “outros”. [...]

A palavra é um evento social [...]. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77, 79, 80, 85)

É no interior dessa concepção de linguagem que o Círculo de Bakhtin concebe os gêneros do discurso. Tanto Volochínov quanto Bakhtin se dedicam a atividades analíticas/reflexivas sobre gêneros do discurso, atualizados por enunciados concretos e concebidos como destacamos anteriormente. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como em “A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica”, Volochínov dedica-se ao estudo tanto de gêneros de fala (orais) quanto daqueles da tradição escrita. Grillo (2017, p. 70) destaca que o autor, em diálogo crítico com a tradição, propõe “o estudo do enunciado concreto como um componente da estrutura socioideológica”.

Retomando a citação do ensaio de Bakhtin (2000, p. 279), percebe-se que o autor explicita uma concepção de linguagem atrelada à “utilização da língua”: “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. O conceito de enunciado, nessa perspectiva, é concebido na relação direta com o evento discursivo, ato de enunciar de um sujeito para outro. Outras passagens do texto de Bakhtin (2000) reafirmam essa ideia, a exemplo da forma como ele discute a problemática das fronteiras do enunciado, em que defende que a “alternância de sujeitos falantes” é que delimita o enunciado:

Todo enunciado desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros [...]. O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Nos termos de Volochínov, na citação anterior, podemos dizer que a palavra/enunciado é um “evento social”. As consequências dessa assunção para estudos centrados na perspectiva do Círculo são muitas; destaco, para os objetivos que me coloquei neste texto, que elas apontam para a necessidade de se considerarem os sujeitos quando da análise de gêneros do discurso. Na tradução citada do ensaio de Bakhtin, aparece o vocábulo “locutor” para designar aquele que enuncia no romance, no tratado científico, na conversa cotidiana. Considerando que há, nos estudos linguísticos, uma memória que poderia sugerir modos de significação desse vocábulo que se aproximam de uma concepção biológica e cognitiva desse sujeito, neste caso, tomado como *indivíduo dono de suas ações e vontades*, contraponho a essa memória o posicionamento de Geraldini (2013, p. 16), para quem o locutor em escritos do Círculo é

[...] socialmente constituído através da linguagem: sua consciência é sîgnica, o que lhe é interior é o mesmo que lhe é exterior, ele não pré-existe a não ser como organismo biológico sem desde sempre estar mergulhado no mundo da linguagem, uma atividade constitutiva das línguas e dos sujeitos que as falam.

Entender esse locutor/sujeito como participante de eventos de linguagem que são “eventos sociais”, tendo sua consciência produzida pelo signo ideológico, significa considerá-lo como constituído integralmente pelos movimentos das práticas sociais, ideológicas e de linguagem. Trata-se de um sujeito participativo, pois, se concordarmos com Bakhtin (2010), não há alibi para a existência: o ato ético é inescapavelmente responsivo e responsável. É dessa perspectiva que podemos defender que os gêneros do discurso, constituídos de enunciados concretos que são eventos sociais, devem ser entendidos nessa visada dialógica, em que os sujeitos participativamente produzem sentidos a partir e para outros, em compreensão responsiva dos enunciados dessa rede de discursos que os constituem.

A seguir, para pôr em evidência esse movimento dos gêneros do discurso em sua relação com os sujeitos e valores das esferas de atividade em que se produzem, apresento e discuto produções textuais veiculadas na mídia e analisadas em dois trabalhos acadêmicos.¹

“Cartas do leitor” de educadores e “Comentários de internet” em sites de cultura sertaneja

Biajoti (2012), em estudo do gênero do discurso Cartas do Leitor, compara enunciados em dois periódicos impressos, *Veja* e *Nova Escola*, no ano de 2011. Considerando, com Volochínov/Bakhtin (1988), que é a situação social e os participantes que determinam a forma e o estilo da enunciação, o trabalho de Biajoti discute como os diferentes destinatários dessas revistas interferem na variação do gênero estudado, principalmente no que diz respeito a aspectos estilísticos. Interessa-me aqui comentar os resultados da autora relativos a Cartas de Leitores da revista *Nova Escola* (exemplos são transcritos a seguir).

- (1) Inspirada pela reportagem, levei meus alunos para o laboratório de informática, formei grupos e realizei uma atividade de pesquisa de imagens de brigas e lutas. Depois, eles registraram as diferenças encontradas no editor de texto. Assim, foi possível gerar uma discussão que transformou os conceitos dos alunos sobre os dois temas.
Nádia Raquel Dutra de Moraes. Barra dos Garças, MT, por *e-mail*.
- (2) Enquanto lia *O X da Questão* de outubro, refleti sobre o contexto em que trabalho. Mesmo envolvendo todos os professores no processo de avaliação, muitas vezes ficamos frustrados com os resultados. Cabe a nós cada vez mais buscar formas de melhorar esse quadro.
Regiane dos Santos Lima Souza, São Paulo, SP.

Biajoti chama atenção para a instabilidade do gênero Carta do Leitor na esfera jornalística. No caso das cartas na revista *Nova Escola*, dialoga-se com gêneros de outras esferas. Destaco aqui o diálogo com gêneros da esfera didático-pedagógica: quando se compartilham experiências com atividades e se as apresentam como propostas que podem ser utilizadas por outros colegas (exemplo 1); quando o sujeito que escreve coloca-se como um educador e enuncia utilizando o pronome “nós”, inserindo em seu discurso o destinatário – sujeito da mesma categoria profissional (exemplo 2). Assim, os valores, estilos e formas composicionais de gêneros que circulam em uma esfera (didático-

¹ Os trabalhos citados a seguir foram orientados por mim e foram desenvolvidos na relação com o projeto de pesquisa “O discurso sobre as práticas de escrita na mídia brasileira contemporânea: o fazer artístico, o fazer pedagógico e a produção de sentido” coordenado por mim de 2010 a 2012.

pedagógica) interferem na produção de um gênero de outra esfera (jornalística), dando-lhe singularidade.

Outra pesquisa que destaco aqui é a de Andrade (2013), que analisa comentários de internautas em dois *sites* que se constituem na relação com a cultura sertaneja: um deles é da dupla de música sertaneja Lourenço e Lourival (<http://www.lourencoelourival.com.br>) e outro é o do programa televisivo “Na Terra da Padroeira” (<http://naterradapadroeira.blogspot.com/>), exibido pela TV Aparecida e que explora a música sertaneja raiz e o *pop* sertanejo; o *site* dá acesso ao *blog* do apresentador Kléber, em que se coletaram comentários de internautas. O objetivo do autor é verificar como se dá, nos comentários dos internautas, a representação da cultura sertaneja, eminentemente oral, nessa prática escrita na internet. Transcrevo dois comentários analisados por Andrade (2013):

- (3) Data: 04/04/2011
Nome: julio cesar moscon – São José do Rio Preto/SP
Mensagem: oi meninos amo voces e vossa musica, tenho 50 anos e ainda agora estava ouvindo voces parabens que jesus os abençoe sempre, abraços Cesar
(<http://www.lourencoelourival.com.br/?pagina=recados&funcao=recados>)
- (4) ola meu nome é geanne e tenho um avo que adora seu programa ele não perde um programa seu ele mora na roça e tem o sangue caipiral e se chama: nivaldo da silva e queria muito ir no seu programa ele te adoro d++++ d+++ mesmo quando eu vou la ele sempre esta vendo ha ele canta folia de reis todo fim de ano do dia (25 de dezembro a dia 6 de janeiro) ele tem 64 anos um abraço e fique com deus mas não esquece ele quer muito ir ao seu programa um abraço te adoramos tal
26 de dezembro de 2010 05:50
(<http://www.blogger.com/comment.g?blogID=3549999406514744735&postID=2624999879517142757>)

Nos dois comentários, postados em *sites* diferentes, encontramos movimentos dos sujeitos e de seu universo cultural no gênero Comentário de internet, dando especificidades para esse gênero de discurso nessa atualização. Um aspecto que chama atenção é a religiosidade presente em ambos, não só na temática (o exemplo 4 cita a Folia de Reis, festa popular religiosa), mas também na sua forma composicional, já que o fechamento dos enunciados é acompanhado de uma saudação religiosa (“que jesus os abençoe sempre, abraços”; “um abraço e fique com deus”). Nesses exemplos, e em outros presentes na pesquisa do autor, valores, estilos e formas composicionais de gêneros que circulam em esferas culturais de tradição oral interferem na produção de um gênero (Comentário de internet) que se manifesta principalmente na modalidade escrita da língua, dando-lhe singularidade – ver Andrade (2016), em que o autor apresenta discussão sobre o estatuto de “gênero do discurso” do comentário de/na internet.

Os exemplos não somente confirmam a instabilidade dos gêneros do discurso, quando em contato com diferentes esferas de atividade e valores, mas também apontam para a presença dos sujeitos neles. Nessas práticas de escrita na mídia, tomar os gêneros do discurso dissociados de sua arquitetônica/construção (o eu para mim, o eu para o outro, o outro para mim) e de sua esfera de atividade, em contato com outras esferas, é tomá-los como superfície textual em que se encontram conteúdo, forma e estilo dissociados da prática discursiva em que se dá essa escrita.

Os gêneros do discurso: do discurso das ciências da linguagem para as atividades de ensino/aprendizagem

Nesta seção, o objetivo é apresentar uma reflexão sobre a entrada dos gêneros do discurso segundo concepção bakhtiniana nas atividades de ensino. Em especial, tendo em vista os aspectos relativos à escrita e ao sujeito.

Retomo aqui a discussão realizada por Brait (2000), que critica a forma de abordagem dos gêneros do discurso retirando-os de sua historicidade e os transformando em “tipologia textual” preestabelecida nas atividades escolares de leitura. Várias razões poderiam explicar essa abordagem escolar. Uma delas poderia estar ligada ao tratamento que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) dão aos gêneros. Vejamos trechos desses documentos a seguir, direcionados ao Ensino Fundamental:

[...] a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1997, p. 23).

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc.

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Os PCN, ao atualizarem o ensaio de Bakhtin (2000), propõem que os gêneros do discurso, em sua diversidade composicional, estilística e temática, sejam objeto de ensino. Os trechos anteriores evidenciam a influência do ensaio em questão nos documentos. Utilizam-se os mesmos termos que estão no texto do autor citado anteriormente (estilo, construção composicional, conteúdo temático) e se reitera a grande variedade dos gêneros, mas se atualiza o caráter “relativamente estável” dos gêneros em contexto verbal que pode levar à compreensão de que a estabilidade se sobrepõe à instabilidade: usa-se a metáfora “famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas”, em que a construção concessiva é aplicada ao caráter “heterogêneo” dos gêneros, o que o coloca como argumento mais fraco em relação ao anterior, que enfoca a homogeneidade da suposta “família de textos” (DUCROT, 1987); destaca-se que os gêneros caracterizam-se por “três elementos”, sendo estes os que poderiam ser aplicáveis à análise da superfície textual, numa concepção de linguagem que entende texto como superfície textual (tema, composição, estilo).

É preciso ainda considerar que a proposta de se tomarem os gêneros do discurso como objetos de ensino, que se explicita no primeiro fragmento dos PCN, também é um movimento no sentido da estabilização. Geraldi (2010) discute esse movimento, que coloca a escola brasileira em um jogo de identidade entre “casa de ensino” e “casa de

aprendizagem”. Com a inserção do texto nas práticas escolares, a partir da década de 1980, este tomado como objeto de reflexão e não mais como mera superfície textual, o autor considera ter havido avanço na didática de língua materna e “o texto passa a ser tanto o desencadeador quanto o produto nesse processo [de ensino e aprendizagem]” (GERALDI, 2010, p. 76), passando as atividades a se organizarem a partir de “práticas linguageiras” – produção de textos, leitura de textos e análise linguística. O autor defende que esse movimento vagaroso das atividades escolares de objetos a práticas – em que se valorizam “os tateios do aprender e não as certezas do ensinar” (GERALDI, 2010, p. 77), em que se aprende “na experiência das práticas a produzir conhecimento assumindo o lugar de sujeito na atividade objetivante, lugar até agora reservado a “eleitos” letrados, que apresentam suas reflexões sob o grande guarda-chuva da cientificidade” (GERALDI, 2010, p. 78) e em que se colocam em evidência produtos culturais não “escolarmente rentáveis” (aqui, o autor refere-se ao pensamento de Bourdieu e Passeron, 1982) – aprofunda as diferenças entre a escola como um lugar de ensino ou um lugar de aprendizagem.

Uma escola centrada em práticas, na perspectiva do autor, caminha no sentido contrário de projetos neoliberais de sociedade e de escola, que precisam de objetos que sirvam como mercadorias seriáveis, sujeitas, por exemplo, à avaliação. Assim, quando os gêneros do discurso se transformam em objetos de ensino, as atividades normativas de classificação operam sobre o texto como operavam sobre a língua antes da entrada do texto para a sala de aula, e as relações eu-outro, as esferas de atividade e o contexto histórico que constituem os gêneros, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, são colocados à margem para pôr em evidência os modelos de tipologias:

[...] encontrando um objeto de ensino, o espírito normativo reencontra sua tranquilidade, ampliando sua extensão para além do sistema linguístico a que reduzira as línguas para incluir também as enunciações nas fórmulas da composição, pré-definidos os temas e estilos. Nada poderia ser mais útil ao encarceramento das práticas. [...] Nada poderia ser menos bakhtiniano do que esta redução do conceito de gênero sem gênese, já que as esferas de atividades “didaticamente transpostas” passam a ser apenas “práticas sociais de referência”, já que nelas não estão incluídos os alunos a não ser como sujeitos ficticiais de uma sequência didática! (GERALDI, 2010, p. 80).

Cito aqui, para ilustrar essa relação constitutiva do gênero com os sujeitos envolvidos nas práticas de linguagem, resultados de uma pesquisa com a produção textual escolar. A pesquisadora analisa um conjunto de 378 produções textuais (receitas culinárias e diários pessoais) de seus alunos, estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola particular do interior do estado de São Paulo (CAMPOS, 2010). O objetivo, tendo em vista o fato de os gêneros do discurso terem sido alçados a objetos de ensino, é compreender como se dá essa entrada dos gêneros nas relações de ensino/aprendizagem (eles se modificam? São escolarizados em que medida? Como se dá a questão da presença dos sujeitos-alunos em suas produções?). Campos relata que o material didático usado com a turma que redigiu os diários “propunha que cada aluno escrevesse uma página do gênero diário pessoal, mas não sugeria o que seria feito após a realização dessa atividade” (CAMPOS, 2010, p. 54). Ela, em complementação ao material didático, propôs que cada aluno desenvolvesse uma página de diário pessoal, texto que seria lido por todos os alunos da sala, por ela (que era professora da turma) e que ficaria em uma pasta junto com os textos dos colegas, material que poderia ser levado para casa de cada um dos alunos e devolvido no dia seguinte. Ao final, a professora avaliaria o material produzido por cada um. Cito a seguir alguns trechos das produções dos alunos que participaram da atividade:

(5) Outra coisa, esqueci de falar antes: hoje foi show do Iron Maiden, e eu não fui. Droga. Me***. Ca*****. Um povo sortudo, lá em São Paulo, vendo o show ao vivo, numa das melhores turnês, e eu aqui, sem nada pra fazer. Me***. Bem, agora estou indo dormir. Até o próximo dia que vou ter que gastar 10 minutos da minha vida em você.

(6) P.s.: A decoração não está muito boa porque eu não trouxe material para isso.

P.s.2 A letra tá feia, eu sei, mas eu fui tentar melhorar ela e ficou pior ainda. (Difícil de acreditar, mas é verdade)

P.s.:3 Eu vou parar de escrever esses P.s. porque já deve estar irritando os leitores.

Campos conclui que a mudança de forma de circulação do gênero trabalhado com os alunos, fazendo do diário pessoal (que é um gênero da esfera privada) um texto a ser compartilhado com os colegas e professora, produziu diferenças substanciais no gênero, nessa atualização “escolarizada”. Os exemplos 5 e 6 indiciam esse movimento do gênero: no primeiro, o autor, tendo em vista a circulação do seu enunciado entre membros da comunidade escolar, se censura, não utilizando na íntegra xingamentos; no segundo, o autor preocupa-se por estar entediando os “leitores”. Perceba-se que o diário pessoal “típico” utiliza estratégias de interlocução outras, que se dão com um interlocutor imaginário que personaliza o próprio objeto “diário”.

Assim, os alunos adaptaram o gênero à nova situação comunicativa, buscando produzir um texto interessante para esses novos interlocutores. A pesquisadora conclui que os autores deram “acabamento estético” a suas produções, tendo em vista a nova situação de interação instaurada na sala de aula, e esse movimento lhe parece ser espaço para a constituição da autoria. Ela fez a opção, na pesquisa, por olhar para esse movimento na prática de escrita e não para a reprodução do modelo do gênero, reprodução que poderia acontecer numa atividade que tomasse o gênero como objeto de ensino/aprendizagem.

Um projeto para futuras pesquisas, a partir do que foi discutido aqui acerca da natureza dos gêneros do discurso e sua relação com a subjetividade, é investigar se, nos discursos presentes na esfera didático-pedagógica (em materiais didáticos recentes, em aulas na internet, em documentos oficiais, em provas/sistemas de avaliação, em matérias jornalísticas relativas a essa esfera e divulgadas na mídia etc.) a noção de gêneros do discurso aparece atrelada a determinada noção de sujeito; e se sim, que noção é esta. O tema do sujeito na relação com o discurso ainda é atual; eu diria mais: é urgente.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de Aquisição da Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1997.

ANDRADE, F. S. de. *O comentário no site www.papodehomem.com.br: reflexão sobre prática de escrita e leitura, gênero discursivo e contínuo dialógico*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.

_____. *Análise discursiva de comentários em sites sertanejos: identidade, oralidade e letramento*. 2013. 51 f. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2013.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN/VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BIAJOTI, M. T. S. *Cartas do leitor em Nova Escola e Veja: uma análise dialógica*. 2012. 51 f. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução de Reynaldo Bairão. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (Org.). *A Prática de Linguagem em Sala de Aula – Praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: philosophy, culture and politics*. London: Pluto Press, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura & produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

CAMPOS, E. S. *Gêneros do discurso em sala de aula: os casos do diário pessoal e da receita culinária*. 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2010.

DE LEMOS, C. T. G. de. Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1. e 2. graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988. 3 v.

_____. Redações no vestibular: algumas estratégias. *Cadernos de pesquisa*, n. 23, dez. 1977.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FIAD, R.; MAYRINK-SABINSON, M. L. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991.

GERALDI, J. W. (Org.). *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O texto na sala de aula: leitura & produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

- _____. Introdução – O mundo não nos é dado, mas construído. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de J. W. Geraldi. Supervisão da tradução de V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- GRILLO, S. Ensaio Introdutório. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- MARCHEZAN, R. C. Enunciado no enunciado, enunciado sobre o enunciado: o Círculo de Bakhtin por C. Brandist. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 14, n.1, p. 57-82, 2016.
- MENDONÇA, M. C. O discurso sobre autoria na esfera didático-pedagógica: algumas considerações. *Revista da Abralín*, v. 15, p. 265-284, 2016.
- _____. Práticas de escrita e subjetividade. *Letras & Letras (Online)*, v. 31, p. 43-55, 2015.
- _____. O discurso sobre a produção textual de gêneros literários. *Letras & Letras (Online)*, v. 29, p. 1-15, 2013.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- PÉCORRA, A. B. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. Estudo do período: uma proposta pragmática. *Cadernos de Pesquisa*. Campinas, UNICAMP/IEL, n. 23, 1977.
- POSSENTI, S. Índícios de autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2002.
- VAL, M. G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de J. W. Geraldi. Supervisão da tradução de V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Recebido em: 10/10/2017

Aprovado em: 21/03/2018